CAPÍTULO I

O NECESSÁRIO

— Ora bem, o que eu quero é Factos. Ensinar a estes meninos e meninas apenas Factos. Factos e nada mais a não ser Factos é o que importa nesta vida. Nada mais plantar, e extirpar tudo o mais. A mente dos animais racionais só pode ser formada com base em Factos: nada mais lhes aproveitará na vida. Este é o princípio que norteia a educação dos meus próprios filhos, e por este mesmo princípio rejo a educação destas crianças. Cinjamo-nos aos Factos, meu caro senhor!

O cenário era uma sala de aula abobadada, simples, chã, despida, monótona, e o índex recto do orador enfatizava as suas observações ao fazer acompanhar cada frase com um sublinhado na linha da manga do professor. A ênfase valia-se da parede quadrada da testa do orador, a qual assentava fundações nas suas sobrancelhas, ao passo que os seus olhos achavam cómodos porões em duas caves escuras, obscurecidos pela parede. A ênfase valia-se da boca do orador, a qual era inflexível, seca e ditatorial. A ênfase valia-se do cabelo do orador, o qual ouriçava nas imediações da sua cabeça glabra, uma plantação de abetos para impedir o vento de acelerar para a sua superfície reluzente, toda coberta de castões, como a crosta de uma tarte de ameixa, como se a cabeça mal tivesse espaço de armazenamento para os duros factos que se arrumavam no seu interior. O porte obstinado do orador, o casaco quadrado, as pernas quadradas, os ombros quadrados — e quê, o seu próprio plastrão, treinado para o apanhar pela garganta como uma garra tesa, como um facto contumaz, por assim dizer —, de tudo se valia a ênfase.

— Nesta vida, Factos é tudo o que nós queremos, cavalheiro; nada mais a não ser Factos!

O orador, e o professor, e o terceiro adulto presente recuaram um pouco, e varreram com o olhar o plano inclinado composto de pequenos recipientes aqui e ali alinhados, prontos a receberem galões imperiais de factos chovendo sobre eles até ficarem cheios até à borda.

CAPÍTULO II

O MASSACRE DOS INOCENTES

Thomas Gradgrind, senhor. Homem de realidades. Homem de factos e cálculos. Homem que se guia pelo princípio de dois e dois serem quatro, e nada mais além disso, e que não vai cá em cantigas de admitir seja lá o que for além disto. Thomas Gradgrind, senhor — peremptoriamente, Thomas — Thomas Gradgrind. Com uma régua e uma balança, e a tabuada sempre no bolso, senhor, pronto a pesar e a medir qualquer parcela da natureza humana, a dizer-nos os resultados com exactidão. É tudo uma questão de números, um problema de aritmética simples. Poderíamos até acalentar esperanças de enfiar uma convicção absurda qualquer na cabeça dum George Gradgrind, ou dum Augustus Gradgrind, ou dum John Gradgrind, ou dum Joseph Gradgrind (tudo suposições, pessoas fictícias), mas na cabeça dum Thomas Gradgrind — nem pensar, senhor!

Era nestes termos que o Sr. Gradgrind sempre se apresentava, mentalmente, fosse junto do seu círculo privado de conhecidos, fosse junto do público em geral. Nestes termos, sem dúvida, substituindo as palavras «meninos e meninas» por «senhor», Thomas Gradgrind apresentava deste modo Thomas Gradgrind aos pequenos recipientes à sua frente, na iminência de serem presenteados até à borda com factos.

Na verdade, à medida que faiscava avidamente sobre eles desde as caves dos seus olhos acima mencionadas, parecia uma espécie de canhão carregado até à boca com factos, e preparado para rebentar com eles para fora das regiões da infância de um só disparo. Parecia também um aparato galvanizador, carregado com um substituto mecânico impiedoso para as imaginações ternas e juvenis que deveriam ser estraçalhadas.

— A número vinte — disse o Sr. Gradgrind, apontando-lhe a rectidão do seu indicador recto —, não sei quem seja. Quem é ela?

— Sissy Jupe, senhor — explicou a número vinte, corando, levantando-se, e desenhando um gesto de reverência.

— Sissy não é nome que se tenha — disse o Sr. Gradgrind. — Não se dê pelo nome de Sissy. Chame-se Cecilia.

— É o pai que me trata por Sissy, senhor — retornou a jovem com voz trémula, e com novo desenho de reverência.

— Não deve fazê-lo — disse o Sr. Gradgrind. — Diga-lhe que não o deve fazer. Cecilia Jupe. Deixe-me cá ver. O que é o seu pai?

— Ele é do hipismo, senhor, se me permite.

O Sr. Gradgrind arreganhou o viso, e afastou o comentário censurável com a sua mão.

— Nós não queremos saber nada disso, aqui. Não deve fazer-nos saber essas coisas, aqui. O seu pai adestra cavalos, não é assim?

— Se me permite, senhor, sim, quando se arranja algum para adestrar, adestram cavalos no picadeiro, senhor, sim.

— Isso do picadeiro não é para aqui chamado. Pois muito bem então. Descreva o seu pai enquanto adestrador de cavalos. Ele trata de cavalos doentes, segundo julgo saber?

— Oh, sim, senhor.

— Muito bem, então. Ele é cirurgião-veterinário, ferrador e adestrador. Dê-me a sua definição de cavalo.

(Sissy Jupe tomou-se do maior alarmismo em resultado desta inquirição.)

— A menina número vinte incapaz de definir um cavalo! — disse o Sr. Gradgrind, para aproveitamento geral de todos os pequenos recipientes. — A menina número vinte desprovida de factos, relativamente a um dos animais mais comuns! A definição de cavalo de alguém. Bitzer, a sua.

O dedo recto, movendo-se para lá e para cá, aterrou de súbito sobre Bitzer, porventura devido ao acaso de se achar banhado pelo mesmo raio de luz solar que, dardejando numa das janelas despidas da sala intensamente caiada, irradiava sobre o lugar de Sissy. É que rapazes e raparigas sentavam-se na face do plano inclinado agregados em dois corpos compactos, divididos ao meio por um intervalo estreito; e Sissy, estando a um canto de uma fileira exposta ao lado soalheiro, apanhava o prólogo desse raio solar, do qual Bitzer, estando sentado a um canto da fila do lado oposto, umas quantas filas antecipadamente, apanhava o seu epílogo. Mas onde a rapariga sendo de tal maneira escura de olhos e de cabelo parecia receber uma tonalidade mais funda e mais lustrosa do sol quando este sobre ela incidia, o rapaz era tão claro de olhos e de cabelo que os mesmos ditos raios pareciam retirar-lhe a pouca cor que ele ainda possuía. Os seus olhos frios mal se aguentariam olhos não fossem as curtas extremidades das pestanas que, ao escolhê-los para imediato contraste com algo de uma natureza mais pálida do que eles próprios, expressavam a sua forma. O seu cabelo debulhado rentemente poderia bem passar por

uma mera continuação das sardas areentas na sua testa e faces. A sua pele era tão perniciosamente deficitária na sua tez natural que dava a sensação de que se se cortasse haveria de sangrar branco.

— Bitzer — disse Thomas Gradgrind. — A sua definição de um cavalo.

— Quadrúpede. Herbívoro. Quarenta dentes, concretamente vinte e quatro molares, quatro caninos, e doze incisivos. Muda de pêlo na Primavera; em países com áreas alagadiças muda de casco também. Os cascos são duros, mas requerem ser ferrados. Pode ver-se a idade através de marcas na boca.

Assim (e muito mais) o Bitzer.

— Agora a menina número vinte — disse o Sr. Gradgrind. — Sabe o que vem a ser um cavalo.

Ela voltou a desenhar um gesto de reverência, e teria ruborizado mais pronunciadamente caso tivesse mais rubor para pronunciar em relação ao rubor que já pronunciava a todo o instante. Bitzer, depois de pestanejar rapidamente na direcção de Thomas Gradgrind com ambos os olhos em simultâneo, e assim amealhando a luz sobre as extremidades trémulas das pestanas assemelhando-se a antenas de insectos ocupados com os seus trabalhos, levou os nódulos dos seus dedos à sua testa sardenta e voltou a sentar-se.

O terceiro cavalheiro avançou agora. Um homem poderoso no que toca a não deixar regiões cinzentas; um funcionário do governo; a seu modo (e a modos que a modo de toda a gente), um declarado pugilista; sempre em modo de treino, sempre munido de um sistema que obriga todas as gargantas a engolir em seco, sempre bem audível ao balcão do seu pequeno gabinete público, pronto a enfrentar a Inglaterra em peso. Para não desistir já desta fraseologia empunhada, tinha como que um certo temperamento para vir ao toque de luvas, onde quer que fosse e o que quer que fosse, provando-se a si mesmo um freguês de têmpera. Entraria ao serviço e esmurraria o assunto que encontrasse à sua frente qualquer que ele fosse com a sua direita, logo seguida de uma sua esquerda, pararia, trocaria, contra-atacaria, encostaria o seu opositor (para ele era sempre a Inglaterra em Peso) às cordas e atirar-se-ia a ele com uma limpeza assinalável. Ele não duvidava ser capaz de poder sovar o fôlego ao senso comum, de deixar o pouco afortunado adversário com os tímpanos a badalar à contagem do tempo. E uma alta determinação incumbira-lhe trazer o Milénio aos gabinetes públicos das altas esferas, altura em que os Comissários haveriam de reinar sobre a terra.

— Muito bem — disse este cavalheiro, sorrindo energicamente e cruzando os seus braços. — Isso é um cavalo. Agora, deixai que vos pergunte, meninas e meninos: Forraríeis uma sala com representações de cavalos?

Após uma pausa, metade das crianças clamava em coro «Sim, senhor!», posto o que a restante metade, lendo no rosto do cavalheiro a incorrecção daquele Sim, reclamava em coro «Não, senhor!» — como é costume neste tipo de exame.

— Como é evidente, Não. E porque não?

Uma pausa. Um rapaz lento e corpulento, com uma maneira sibilante de respirar, arriscou a resposta: Porque não haveria de querer forrar uma sala, mas pintá-la.

— Vai *querer* forrá-la — disse o cavalheiro, muito exaltado.

— Vai querer forrá-la — disse Thomas Gradgrind —, quer queira quer não queira. Não queira vir para aqui dizer-*nos* que não quer. O que quer dizer com isso, rapaz?

— Passo a explicar melhor, nesse caso — disse o cavalheiro, após uma nova e desanimadora pausa —, a razão pela qual não haveríeis de querer forrar uma sala com papel de parede com cavalos. Já alguma vez vistes cavalos a trotarem para cima e para baixo as paredes de salas verdadeiras — de facto? Já?

O «Sim, senhor!» de um lado. O «Não, senhor!» do outro.

— Mas é claro, Não — disse o cavalheiro, atirando um ar indignado à metade errada. — Ora pois então, não esperais ver em lado nenhum aquilo que em lado nenhum se vê de facto; não se espera dar-se com uma coisa que não se espera ver-se em lugar algum. Aquilo a que se chama Gosto não passa de um outro nome para Facto.

Thomas Gradgrind fez notar a sua aprovação.

— Este é um princípio novo, uma descoberta, uma grande descoberta — disse o cavalheiro. — Pois bem, vou testar-vos uma vez mais. Ides alcatifar uma sala. Usaríeis uma alcatifa com flores?

Havendo a sensação generalizada por esta altura de que a resposta «Não, senhor!» serviria a pergunta deste cavalheiro, o coro do Não fez-se ouvir de modo muito pronunciado. Apenas uns poucos débeis retardatários optaram pelo Sim: entre eles Sissy Jupe.

— Rapariga número vinte — disse o cavalheiro, sorrindo a partir da força calma do conhecimento.

Sissy ruborizou, e levantou-se.

— Ora então alcatifaríamos a nossa sala — ou a sala do seu marido, se fosse uma mulher feita, e tivesse marido — com representações de flores, não seria assim? — disse o cavalheiro. — E porque faríamos isso?

— Se me permite, senhor, gosto muito de flores — propôs-lhe a rapariga.

— E por essa razão então poria mesas e cadeiras em cima delas, e teria pessoas a calcá-las com os seus passos e as suas botas pesadas?